



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA
PORTUGUESA

GLÓRIA MARIA DA LUZ COSTA

ENTRE A MISÉRIA E A ESPERANÇA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO
REGIONALISMO NORDESTINO NAS OBRAS *VIDAS SECAS* E *VIDA GEMIDA EM*
SAMBAMBAIA

Picos, PI

2025

GLÓRIA MARIA DA LUZ COSTA

**ENTRE A MISÉRIA E A ESPERANÇA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO
REGIONALISMO NORDESTINO NAS OBRAS *VIDAS SECAS* E *VIDA GEMIDA EM
SAMBAMBAIA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras-
Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da
Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de
Barros (UFPI-CSHNB), como requisito para obtenção do título de
Licenciada em Letras. Orientadora: Prof.^a Dra. Cristiane Feitosa
Pinheiro.

Picos, PI

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí Biblioteca José Albano de Macêdo

F815t

Costa, Glória Maria da Luz.

Entre a miséria e a esperança: uma análise comparativa do regionalismo nordestino nas obras *Vidas Secas* e *Vida Gemida em Sambambaia* / Glória Maria da Luz Costa – 2025.

31 f.

1 Arquivo em PDF.

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo, CSHNB.

Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Curso de Licenciatura em Letras, Picos, 2025.

“Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro”.

1. Literatura brasileira. 2. *Vidas Secas*. 3. *Vida Gemida em Sambambaia*. I. Costa, Glória Maria da Luz. II. Pinheiro, Cristiane Feitosa. III. Título.

CDD 869.9

Elaborada por Maria Letícia Cristina Alcântara Gomes Bibliotecária CRB n° 03/1835



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte N° 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às 15h (quinze horas) do dia vinte e seis de junho do ano de dois mil e vinte e cinco, na sala 834, na Universidade Federal do Piauí, do *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência da Prof.^a Dr.^a Cristiane Feitosa Pinheiro, reuniu-se a banca examinadora de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a forma de artigo, de autoria da aluna **GLÓRIA MARIA DA LUZ COSTA** do curso de Letras desta Universidade com o título **ENTRE A MISÉRIA E A ESPERANÇA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO REGIONALISMO NORDESTINO NAS OBRAS VIDAS SECAS E VIDA GEMIDA EM SAMBAMBALA**. A Banca Avaliadora ficou assim constituída: Prof.^a Dr.^a Cristiane Feitosa Pinheiro (Orientadora – Presidente), Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro (Avaliador Interno – 1º examinador), Prof.^o Esp. Roseângela Ferreira Belo (Avaliadora Externa – 2ª examinadora). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação do artigo, seguido de questionamentos pelos membros da banca. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, na mesma sala, sem a presença da avalianda e seus convidados. Apuradas as notas, verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral **10,0 (dez)**. E, para constar, eu, Cristiane Feitosa Pinheiro, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 26 de junho de 2025.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Prof.^a Dr.^a Cristiane Feitosa Pinheiro
Presidente da Banca/Orientadora – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro
Avaliador Interno (UFPI)

Prof.^o Esp. Roseângela Ferreira Belo
Avaliadora Externa – Colégio Santa Rita

ENTRE A MISÉRIA E A ESPERANÇA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO REGIONALISMO NORDESTINO NAS OBRAS *VIDAS SECAS* E *VIDA GEMIDA EM SAMBAMBAIA*

Glória Maria da Luz Costa¹
Cristiane Feitosa Pinheiro²

RESUMO: Trata-se de uma pesquisa que analisa comparativamente as obras *Vidas Secas* (2023), de Graciliano Ramos e *Vida Gemida em Sambambaia* (1985), de Fontes Ibiapina, tendo como objetivo geral analisar a construção do regionalismo nordestino nas duas narrativas, considerando as singularidades do ambiente e a vivência das personagens, em um diálogo comparativo entre as narrativas. Especificamente, visou-se comparar as similaridades e diferenças referentes ao contexto abordado nas obras e verificar a influência do ambiente nas decisões e nas emoções das personagens. Fez-se uma pesquisa de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa e caráter exploratório, fundamentando-se em textos críticos e teóricos que deram suporte para a análise dos dados, como os de Candido (2006), Bosi (2003), Bachelard (1989), Reis (2013) e outros. A opção por essas obras se deu devido a sua relevância na representação do sertão nordestino, mesmo tendo sido escritas em contextos diferentes. Sob esse viés, o aparato teórico e a análise do *corpus* mostraram que a comparação entre as obras foi uma forma de ampliar esse estudo e o entendimento da região nordestina e das vozes que emergem do silêncio daquelas terras secas. Através dos resultados deste trabalho, compreendeu-se que as obras compartilham uma representação crítica do sertão nordestino, marcado pela seca, pelo abandono estatal e pela luta diária pela sobrevivência.

Palavras-chave: Literatura comparada; Regionalismo; Sertão; Nordeste; Resistência.

1 INTRODUÇÃO

A literatura tem como plano de fundo a realidade e tudo o que advém dela. Logo, nas obras de cunho regionalista são representados recortes dos costumes, vivências, a relação do homem com a natureza, com o social e as particularidades que compõem determinada região apresentada.

Em *Vidas Secas* (2023), de Graciliano Ramos, a obra retrata a vida sofrida do nordestino, a dureza da seca, e a exploração humana vivenciada por uma família de retirantes sertanejos. Por meio da representação da seca e da desumanização, o autor constrói uma narrativa marcada pela escassez e pela opressão.

De forma semelhante, a obra *Vida Gemida em Sambambaia* (1985), de Fontes Ibiapina, aborda o retrato de uma região do país. A obra descreve o cenário árido, o sol escaldante, o pó, o céu sem nuvens, as árvores secas e o homem sofrendo e resistindo, uma

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa (UFPI – CSHNB).
E-mail: gloria.luz@ufpi.edu.br

² Doutora e Mestre em Educação (UFPI), Professora do Curso de Letras-Português (UFPI – CSHNB), orientadora da pesquisa. E-mail: cristianepinheiro@ufpi.edu.br

vida gemida, mas ao mesmo tempo heroica. Assim, ambos os autores retratam a luta pela sobrevivência e a resiliência imposta pelo próprio ambiente, que, além de forçar o sofrimento, obriga o homem a lutar continuamente.

Dessa forma, a presente pesquisa baseia-se na análise comparativa das obras *Vidas Secas* (2023), de Graciliano Ramos, e *Vida Gemida em Sambambaia* (1985), de Fontes Ibiapina, que, apesar da distância geográfica, apresentam uma união temática referente à seca e à miséria.

A escolha dessa temática se deve à necessidade de dar maior destaque e visibilidade ao regionalismo piauiense, permitindo que a literatura local seja mais conhecida e valorizada pelo seu povo. Além disso, a pesquisa foi inspirada na admiração pela figura do sertanejo que, apesar de frequentemente viver em condições de penúria, não perde a esperança e nem a força para lutar. Diante disso, o presente estudo se justifica por sua relevância acadêmica, social e cultural, pois contribui para a ampliação e reconhecimento dessas obras no contexto do regionalismo nordestino.

Nesse sentido, objetivou-se, de forma geral, analisar a construção do regionalismo nordestino e sua retratação nas obras *Vidas Secas* (2023) e *Vida Gemida em Sambambaia* (1985), considerando as singularidades do ambiente e a vivência das personagens, em um diálogo entre as duas narrativas. Além disso, de forma mais específica, visou-se comparar as similaridades e diferenças referentes ao contexto abordado nas obras e verificar a influência do ambiente nas decisões e emoções das personagens.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e comparativa.

Assim, buscou-se responder ao seguinte problema: Como o regionalismo nordestino é retratado nas obras *Vidas Secas* e *Vida Gemida em Sambambaia*, considerando as particularidades do ambiente e a vivência das personagens?

Para tanto, foram utilizados, como aporte teórico, os estudos de: Bosi (2022), Ramos (2023), Ibiapina (1985), Coutinho (1999) e Bachelard (1989), Candido (2006), Carvalhal (2006).

2 A LITERATURA COMPARADA E O DIÁLOGO ENTRE OBRAS

A priori, é válido ressaltar que o campo de estudos da literatura comparada é amplo e complexo, envolvendo múltiplas perspectivas analíticas. Não se trata simplesmente de comparar duas ou mais literaturas de modo superficial. Como observa Carvalhal (2006, p.7), a

literatura comparada *compara* “não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe.”

Sob esse viés, essa área de estudo busca ampliar a compreensão das obras literárias ao colocá-las em diálogo, considerando as conexões temáticas, estilísticas, históricas e culturais que transcendem fronteiras nacionais e temporais. A comparação, portanto, é um meio que permite destacar tanto as particularidades quanto as permanências nos modos de representação.

Partindo dessa premissa, a Literatura Comparada se apresenta como uma ferramenta capaz de enriquecer a análise crítica de diferentes produções literárias, principalmente quando compartilham problemáticas sociais semelhantes, ainda que ambientadas em contextos geográficos e históricos distintos.

No caso das obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Vida Gemida em Sambambaia*, de Fontes Ibiapina, o estudo comparativo revela como os escritores, embora separados por gerações, espaços e momentos estéticos, voltam seus olhares para os problemas de desigualdade enfrentados pelos indivíduos invisibilizados pela estrutura social brasileira.

A pesquisa, portanto, dedica-se a analisar o diálogo entre essas duas obras, tendo como eixo temático o regionalismo e a denúncia social, elementos que, mais do que unir os autores, constroem retratos das adversidades enfrentadas no sertão.

2.1 O Regionalismo no Século XX: Vozes do Sertão

O regionalismo na literatura brasileira possui uma tradição antiga, com raízes vinculadas nos movimentos nativistas e na busca pela identidade nacional na arte literária. Essas manifestações se expressaram através do indianismo, do sertanismo, do caboclismo, entre outras, e culminaram no Regionalismo propriamente dito, que se desdobrou em diferentes ciclos e vertentes: o ciclo do cangaço e da seca, da mineração, da criação de gado, do Nordeste e entre outros.

Como aponta Candido (2000), o regionalismo pode ser dividido em três momentos distintos. O primeiro ocorreu durante o Romantismo e tinha como caracterização os valores dos aspectos locais, dentro de um país recém independente. O segundo momento se dá na transição do século XIX para o XX, com destaque para o caráter pitoresco das regiões, em que o espaço geográfico e os costumes são retratados com ênfase descritiva. Para os propósitos deste estudo, foi abordado apenas o terceiro momento, que se caracteriza pela

“tomada de consciência do subdesenvolvimento”, ou seja, aqui o olhar dos autores já era mais voltado para as problemáticas sociais, a politização e para as inquietações referentes aos marginalizados, como se discutirá no tópico da análise. Como afirma Bosi (2003, p.19):

Sem dúvida, o capital não tem pátria, e é esta uma das suas vantagens universais que o fazem tão ativo e irradiante. Mas o trabalho que ele explora tem mãe, tem pai, tem mulher e filhos, tem língua e costumes, tem música e religião. Tem uma fisionomia humana que dura enquanto pode. E como pode, já que a sua situação de raiz é sempre a de falta e dependência.

Sobre esse pensamento, Bosi reforça a essência do regionalismo que buscou resgatar a dimensão humana, social e cultural dos sujeitos marginalizados, revelando suas raízes, tradições e valores. Ao contrapor a lógica fria e impessoal do capital com a realidade dos trabalhadores explorados, a literatura regionalista assume um papel de resistência, ao reconhecer que os sertanejos também são portadores de identidade e dignidade.

A literatura, a partir dos anos 1930, passou a problematizar as condições de miséria, desigualdade e exclusão social vividas no país Candido (2006). Diante disso, nota-se que a mudança crítica no regionalismo literário marca uma fase importante para autores como Graciliano Ramos, cuja obra *Vidas Secas* (1938) retrata com maestria o drama dos retirantes nordestinos, explorando a dureza do sertão e a luta pela sobrevivência em um ambiente hostil.

Segundo Bosi, (2022) esse momento é conhecido como “a era do romance brasileiro”, um período no qual os autores, influenciados pelas revoluções do golpe de estado novo, comunistas e pelas circunstâncias de crise econômica e social, começaram a produzir uma literatura engajada, de cunho político-ideológico. Suas obras abordam temáticas como a seca, a miséria, a opressão, a marginalização e as desigualdades que assolam grande parte da sociedade, colocando em evidência a realidade brutal vivida pelas camadas mais vulneráveis da população brasileira.

Graciliano Ramos de Oliveira, nascido em 27 de outubro de 1892, na cidade de Quebrângulo, Alagoas, faleceu no Rio de Janeiro, em 20 de março de 1953, foi o primogênito de um casal sertanejo de classe média e teve muitos irmãos. Durante sua infância, viveu em Buíque, Pernambuco, uma região marcada pelas dificuldades do sertão nordestino, essa vivência com a realidade do sertão foi determinante para a construção de sua obra. Em *Vidas Secas* (2023), Graciliano descreve com profundidade o drama de uma família de retirantes, evidenciando a dureza da vida no sertão e a luta pela sobrevivência em um ambiente desumano.

De acordo com Bosi (2022, p. 429), “o roteiro do autor em *Vidas Secas* norteou-se por um forte sentimento de rejeição, que adviria do contato do homem com a natureza ou com o próximo.” Ou seja, sua narrativa é constantemente marcada pela rejeição, seja por parte da natureza, dos homens, das autoridades ou de tudo aquilo que cerca as personagens. Além disso, esse romance apresenta uma descrição do sertão nordestino, evidenciando a vida sofrida e a força resiliente de seus habitantes, cuja dignidade é constantemente silenciada.

No regionalismo do século XX, João Nonon de Moura Fontes Ibiapina deixou importantes contribuições para a literatura piauiense e nordestina. Nascido em Picos (Vaca Morta), no dia 14 de junho de 1921, faleceu em 10 de abril de 1986, na Paraíba. Conhecido como Fontes Ibiapina, foi contista, romancista, folclorista, teatrólogo, juiz e professor. Embora tenha se destacado, nos últimos anos, mais por seus trabalhos de pesquisa, sua produção ficcional é notável, sobretudo pela atenção dedicada à linguagem popular e à representação honesta da realidade sertaneja, do regionalismo do século XX.

Fontes Ibiapina não se afastou de seu mundo nem de sua gente; ao contrário, documentou-o e denunciou-o por meio de sua escrita. O cenário abordado em *Vida Gemida em Sambambaia* é estreito, mas contém um vasto universo que transita da dor à alegria. Além disso, pode-se afirmar que sua linguagem é fluente e rica em termos e expressões regionais. Em determinados momentos, o autor se despe da posição de narrador e torna-se também personagem da narrativa.

Em depoimento registrado por Assis Brasil no Dicionário Prático de Literatura Brasileira (1979, p. 171), o escritor Francisco Miguel de Moura destaca:

Nos últimos anos tem sobressaído mais o seu trabalho de pesquisa que o de ficção. Mas ele (Fontes Ibiapina) trouxe uma importante contribuição à literatura do Nordeste, guiando os passos dos novos para a pesquisa da linguagem falada e sua transposição honesta e desabusada para as páginas dos romances e contos.

Conforme disse Francisco Miguel de Moura, fica evidente que Fontes Ibiapina contribuiu para a produção regional, influenciando a forma como os escritores abordam a linguagem e a cultura regional, tudo isso fruto do seu trabalho de pesquisa no que diz respeito à literatura do Nordeste.

2.2 A seca: tema central da narrativa

O tema da seca é amplamente explorado na literatura da Geração de 1930 do século XX, marcada por um olhar atento às realidades sociais do povo brasileiro. Diante dessa

realidade, o regionalismo insere-se como uma temática recorrente entre os principais escritores da época, que ambientam suas obras retratando em suas regiões de origem, retratando costumes, tradições e as particularidades do meio em que viviam.

Segundo Coutinho (1999), o regionalismo pode ser entendido de forma ampla, como toda produção artística que, mesmo tratando de temas universais, ancora-se em um espaço geográfico específico ainda que esse cenário funcione apenas como pano de fundo para a narrativa. No entanto, a literatura regionalista dessa geração não apenas descreve o espaço geográfico, mas também denuncia as dificuldades enfrentadas por populações marginalizadas, como os sertanejos que sofrem com a seca e a miséria. Essa abordagem se aproxima da segunda concepção apresentada por Coutinho, segundo a qual:

Essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural – clima, topografia, flora, fauna, etc. – como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Esse último é o sentido do regionalismo autêntico. (Coutinho, 1999, p. 235)

O regionalismo dessa fase se distingue por sua profundidade crítica e pelo compromisso com a representação fiel da experiência humana frente à adversidade. Não é uma visão idealizada ou folclórica, mas uma abordagem realista e direta, que busca gerar conscientização sobre os problemas sociais, como a seca e a miséria, enfrentados pelas populações mais vulneráveis.

Por conseguinte, pode-se afirmar que o regionalismo cumpriu com seu papel ao dar voz às regiões brasileiras que, muitas vezes, estavam à margem da literatura dominante, permitindo que suas problemáticas sociais fossem denunciadas e discutidas no campo literário.

A seca é um fenômeno natural e, no sertão, uma realidade dura e recorrente que afeta a vida social e econômica dos sertanejos. Sob esse viés, os escritores de *Vidas Secas*, e *Vida Gemida em Sambambaia*, retrataram em suas obras as dificuldades enfrentadas pelos habitantes do sertão para vencer esse problema, que é atemporal, ressaltando sua resistência e vínculo com a terra, mesmo diante de muitas adversidades.

Na obra *Vida Gemida em Sambambaia*, de Fontes Ibiapina, a seca ultrapassa a função de denúncia das mazelas sociais e políticas, assumindo também uma dimensão profundamente humana. O sofrimento causado por esse fenômeno deixa marcas físicas e emocionais, afetando inclusive os laços familiares e a construção da identidade do sertanejo.

Diante disso, é notório que Fontes Ibiapina inseriu em sua obra aquilo que é a essência do povo piauiense: seus costumes, questões socioculturais, o linguajar popular, e as dificuldades de cada dia. Ao registrar essas coisas, o autor não somente preservou uma memória coletiva, mas também elevou o regional ao universal, contribuindo para a valorização da cultura nordestina no cenário literário brasileiro.

Enquanto isso, Graciliano Ramos, em *Vidas Secas* utiliza uma linguagem mais seca e minimalista, para descrever o cenário assustador da seca, refletindo o pessimismo estrutural de sua época. Sabe-se que a obra de Ramos foca mais nas tensões sociais e psicológicas enfrentadas pelos personagens, com uma narrativa que expressa a dureza da vida no sertão de maneira real e direta. O contraste entre a abordagem de Ramos, mais introspectiva e crítica, e a de Ibiapina, mais sensível e enraizada na cultura local, revela a diversidade de abordagens dentro do regionalismo. É nesse contexto que se compreende a afirmação de Sodré:

Ao dizer que ‘independente’ da vontade do homem, a arte nasce da vida e reflete a vida, e a verdadeira base da comparação artística só pode consistir na fidelidade e na profundidade com que representa a vida. Ora nem a vida é estática e nem está somente na superfície dos acontecimentos. (Sodré, 1988, p.383)

Esse ponto de vista é evidenciado em *Vidas Secas*, no modo como Graciliano registra, com fidelidade e profundidade, a existência árida e silenciosa dos personagens, que, assim como o cenário que os cerca, são marcados pela dureza tanto exterior quanto interior. O autor não retrata apenas os efeitos visíveis da seca, mas mergulha na angústia, na alienação e na esperança frustrada dos sertanejos.

Segundo Candido (2006), Ramos estrutura *Vidas Secas*, iniciando e concluindo a narrativa com uma fuga enfrentada pela família sertaneja, o que evidencia um ciclo repetido das secas e das adversidades enfrentadas pelos personagens. Dessa maneira, esse ciclo enfatiza o sentido de aprisionamento existencial, em que a seca é mais do que um fenômeno climático, mas uma condição que perpetua o sofrimento e a marginalização dos sertanejos.

Candido, em *literatura e sociedade* (2006), a grandeza de uma obra literária está na sua capacidade de se desligar de um tempo e espaço específicos, atingindo uma dimensão universal. Esta perspectiva se reflete, de diversas formas, nas obras de Ramos e Ibiapina, que, embora inseridas em seus contextos regionais, possuem elementos que permitem sua apreciação além de seus limites geográficos e temporais. Através dessas abordagens, ambos os autores contribuem para o fortalecimento do regionalismo, ao mesmo tempo em que transcendem a especificidade de seus cenários e personagens.

2.2.1- A dimensão sociocultural da literatura

Reis (2013) propõe uma reflexão sobre a literatura enquanto instituição, apresentando três dimensões fundamentais que sustentam essa concepção: a dimensão sociocultural, que diz respeito à consciência coletiva de uma sociedade e às relações entre literatura e contexto social; a dimensão histórica, que considera a literatura em sua articulação com os acontecimentos históricos; e a dimensão estética, voltada à forma, ao estilo e aos recursos expressivos da linguagem literária.

Para os fins desta pesquisa, destaca-se a dimensão sociocultural, por oferecer aportes teóricos que permitem compreender as representações das dinâmicas sociais e das condições de vida em determinadas camadas sociais presentes nas obras em análise, uma vez que, segundo Reis (2013, p. 22) a literatura reflete a cultura e a sociedade, expressando a consciência coletiva de um povo ao longo do tempo, e é reconhecida como uma prática que revela a identidade e os valores de uma comunidade.

Com isso, nota-se que o sociocultural fomenta uma consciência coletiva e crítica perante os fatos vivenciados dentro daquele contexto e, por sua vez, induz a certos costumes, tradições e mudanças de pensamento. Além disso, é válido postular a importância da dimensão histórica, que, alinhada ao sociocultural, contribui guardando registros, preservando memórias e afirmando a identidade dos povos e regiões.

Nesse sentido, ao analisar as obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e *Vida Gemida em Sambambaia*, de Fontes Ibiapina, a dimensão sociocultural foi inserida como mecanismo de compressão a fim de verificar como o regionalismo é construído nas duas narrativas. Através da representação do espaço geográfico, pelas marcas da cultura popular, e por meio das situações vivenciadas pelos personagens, tais como a miséria, opressão e a luta do nordestino pela sobrevivência no sertão nordestino e no interior piauiense.

2.3 A personagem literária e sua função na narrativa

A personagem ocupa lugar de destaque na narrativa ficcional, sendo a ligação entre o leitor e o universo proposto pelo autor. É através das personagens que a narrativa se materializa, os valores são demonstrados e os conflitos ganham vida ao desenrolar do enredo. Conforme Candido:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; [...] O enredo existe através das personagens, as personagens vivem no enredo. (Candido, 2007, p.51):

Dessa forma, não se pode dissociar os acontecimentos narrativos dos personagens que os experienciam. O enredo sozinho seria uma estrutura vazia, é por meio das personagens que ele ganha sentido. Da mesma forma, as personagens só ganham existência dentro da trama. Em vista disso, ao analisar uma obra literária, é evidente que compreender o papel das personagens é fundamental para uma interpretação mais precisa a respeito do tema.

Na obra de Graciliano Ramos, a personagem não é idealizada ou heroica nos moldes tradicionais. Ao contrário, é marcada por uma angústia diante de si mesma e do mundo. Bosi afirma que:

O realismo de Graciliano não é orgânico, nem espontâneo. É crítico. O 'herói' é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza que é a sua única máscara possível. (Bosi, 2022, p.429)

As personagens, assim, são representadas de forma endurecida, isoladas e marcadas por um olhar pessimista e determinista. Além disso, ocorre na obra uma quase incomunicabilidade entre as personagens, que pouco falam e, quando isso ocorre, percebe-se um embate entre elas e as palavras; utilizam uma linguagem mínima, ou melhor, árida que reforça a secura de seu universo.

Dessa forma, todos esses elementos funcionam como um espelho da realidade, refletindo a estética da seca vivida no início do século XX, sobretudo no Nordeste. Ao mesmo tempo, a literatura de Graciliano Ramos serve como instrumento de denúncia da condição humana diante da opressão social e da ausência de perspectivas.

Fontes Ibiapina, por sua vez, representou o estilo do nordestino rijo, ardiloso, manhoso e renitente. Suas personagens são a representação de um povo explorado, sofrido por um sistema devastado. Segundo Candeira Filho:

A obra de ficção de Fontes Ibiapina (romances e contos) abrange o processo de formação sociopolítica do povo piauiense em seus íntimos e substanciais elementos determinativos. A sorte de seus personagens e seu comportamento diante das situações em que se acham fixados espelham traços da realidade do Piauí. Fiel à convicção de que a literatura deve encerrar um sentido avaliativo da vida com o objetivo de contribuir para o aperfeiçoamento da consciência humana, Fontes

Ibiapina revela-se um dos mais importantes escritores piauienses de todos os tempos. (Candeira Filho, 2017, s.p.).

Nesse sentido, observa-se que o escritor valorizou formas discursivas que abordam o estado do Piauí sob uma perspectiva regionalista. Em sua obra, as questões socioeconômicas do passado são ficcionalizadas, assim como a hierarquia do sistema comercial da época.

Ao registrar o modo de falar do povo piauiense, demonstra sensibilidade para escutar e conhecimento aguçado da cultura popular. Sua narrativa preserva as memórias dos tempos difíceis vividos pelos sertanejos nordestinos, refletindo, assim, a identidade, a memória e as raízes de sua gente.

Além disso, cabe nesta pesquisa a comparação das esposas desses personagens que trazem características, falas e maneiras das mulheres sertanejas que desenvolvem um papel fundamental na sobrevivência da família e na sustentação moral diante da miséria.

Nas obras em questão, observa-se a construção das personagens femininas marcadas pela dureza da vida no sertão, pela resistência cotidiana e pela dignidade silenciosa. Diante disso, comparou-se essas figuras de esposas e mães sertanejas, verificando como, mesmo diante da seca e da pobreza, elas expressam uma força interior que contribui para a manutenção da família e da identidade nordestina.

2.4 O espaço na construção narrativa

Assim como as personagens, o espaço é um elemento importante na construção narrativa, pois não é apenas algo estático, mas atua ativamente na influência dos comportamentos, representando símbolos e estados psicológicos e interiores, conforme o cenário social no qual a narrativa acontece. Conforme Monteiro (2002, p. 14), "a construção do 'lugar' ou do conjunto de lugares que um romance contém levaria à consideração de que o 'espaço' é, ao mesmo tempo, sentido e seu objeto [...]".

Dessa forma, nota-se que as emoções dos personagens estão intimamente ligadas ao espaço e aos acontecimentos que nele ocorrem; seja um cenário de tristeza ou de alegria, ao recordar determinado evento, a personagem também se lembrará do ambiente que a cercava naquele momento.

O espaço, portanto, deve ser entendido como um fator que, com os personagens e junto dos eventos narrados, adquire em muitas obras uma dimensão simbólica e ideológica, deixando de ser apenas um cenário para se tornar um elemento estruturante da narrativa. No caso do sertão nordestino, por exemplo, especialmente sob a condição da seca, como ocorre

nas obras *Vidas Secas* e *Vida Gemida em Sambambaia*, o ambiente se impõe como força opressora, moldando comportamentos, limitando escolhas e simbolizando a luta contínua pela sobrevivência.

Ademais, como observa Bachelard (1989, p. 31), “o espaço convida à ação”, ou seja, ele não se restringe a um plano fixo onde acontece a história, mas estimula e influencia os movimentos das personagens. É nesse espaço que elas ganham forma e sentido, revelando seus sonhos, suas angústias e suas formas de resistir.

O espaço, portanto, não é apenas cenário: é uma dimensão existencial e simbólica que guarda registros da memória, da dor e da esperança dos sujeitos que o habitam. Segundo o autor, “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (Bachelard 1989, p. 200).

É sob essa ótica que se compreende o espaço para além da sua função prática ou geográfica, sobretudo pela sua capacidade de acolher e refletir o ser. A casa, para ele, é o arquétipo de abrigo existencial, um lugar onde o sujeito deposita suas memórias mais íntimas e suas experiências adquiridas. Nesse sentido, qualquer espaço onde o ser humano projeta seus afetos, seus sonhos e suas dores, passa a possuir um caráter simbólico de uma “morada”, mesmo que seja marcado por condições hostis.

Por essa razão, ainda que os espaços retratados em *Vidas Secas* e *Vida Gemida em Sambambaia* estejam marcados pela escassez, eles se tornam “espaços vividos”, pois carregam, nas palavras do autor, uma “intimidade poética” (p.203), por serem atravessados por lembranças.

Mesmo em um local miserável e marginalizado, aos olhos de Bachelard, há ali “um ninho de alma”, onde a existência se agarra à pequena esperança de abrigo e sentido. Por isso, o sertão, embora árido e em muitas épocas impiedoso, é vivenciado pelos personagens de ambas as obras como um espaço habitado no sentimento profundo: ele guarda histórias, molda suas subjetividades e se insere em suas identidades. Refere-se, portanto, a uma morada identitária, na qual o sujeito não apenas sobrevive, mas também se reconhece, afirma-se e, em certos momentos, resiste.

A partir disso, nota-se uma relação de correlação entre sujeito e espaço, em que há uma constante troca e influência mútua. No cenário das obras em questão, tal relação é perceptível: o sertão, marcado pela escassez e pela aflição, age sobre as personagens, conduzindo seus gestos e silêncios, mas também é ressignificado por elas, por meio da resistência, da esperança ou do abandono.

3 ROTA METODOLÓGICA

O presente estudo insere-se no âmbito da Literatura Comparada, área da crítica literária que explora as obras literárias por meio da intertextualidade, considerando sua estética, contexto histórico, período literário, tradições culturais e filosóficas, bem como as relações entre autores, suas semelhanças e divergências. Sob essa perspectiva, buscou-se verificar como o regionalismo nordestino é retratado nas obras *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos e *Vida Gemida em Sambambaia* (1963), de Fontes Ibiapina.

Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, isto é, fundamentada, a partir de material já publicado, como livros, obras literárias e teóricas referentes ao tema em questão. Esse tipo de pesquisa visa reunir, analisar e interpretar contribuições teóricas consolidadas, permitindo ao pesquisador respaldar-se criticamente e dialogar com diferentes autores. Conforme Gil (2008, p. 50),

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

Além disso, cabe ressaltar que a pesquisa é exploratória, pois busca ampliar a compreensão do regionalismo em obras literárias distintas, permitindo identificar padrões, contrastes e novas perspectivas a respeito da representação da realidade nordestina. Nessa perspectiva, Gonsalves afirma que a pesquisa exploratória:

É aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de fornecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominado 'pesquisa de base', pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema. (Gonsalves, 2003, p.65)

Sob essa ótica, é evidente que é um modo de pesquisa mais flexível para a investigação e não exige explicações rígidas.

A abordagem metodológica do corpus foi realizada por meio do método qualitativo, dado que a pesquisa se concentrou na análise das obras *Vidas Secas* e *Vida Gemida em Sambambaia*, com base em referências teóricas que auxiliam na compreensão de seus aspectos estéticos, culturais e sociais.

Conforme Moreira (2002, p. 2), a pesquisa qualitativa se estabelece em uma “interpretação dos significados atribuídos pelos sujeitos e suas ações em uma realidade socialmente construída”. Nesse sentido, não busca quantificar dados, mas compreender os sentidos e representações presentes nos discursos, textos e práticas culturais.

Buscou-se também analisar como ocorre a construção do regionalismo nordestino nas obras em análise, comparando suas semelhanças e oposições, bem como a influência que o ambiente do sertão exerce sobre a vida das personagens. Para isso, utilizou-se como marco teórico os estudos sobre o regionalismo literário de autores como Antonio Candido (2006) e Alfredo Bosi (2022). Adotaram-se também conceitos sobre o espaço literário abordados por Monteiro (2002) e outros autores que permitiram compreender que o sertão não atua apenas como cenário, mas como fator determinante da trajetória das personagens.

Por fim, o percurso metodológico deu-se por meio da leitura das obras *Vidas Secas* e *Vida Gemida em Sambambaia*, seguida pela análise dos referenciais teóricos mencionados e, por último, foi feita a verificação dos trechos que evidenciam a presença do regionalismo e da influência da seca na vida dos personagens.

5 ANÁLISE COMPARATIVA: CONSTRUÇÃO DO REGIONALISMO PERSONAGENS, ESPAÇO E RESISTÊNCIA NO SERTÃO NORDESTINO

Para a presente análise, foi proposta a comparação de trechos das obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Vida Gemida em Sambambaia*, de Fontes Ibiapina. Conforme Carvalho (2006) a contrastação das obras literárias abre margem para mais possibilidades de leitura. Desse modo, com base nos objetivos propostos e em diálogo com os teóricos previamente abordados, foi respondido o problema de pesquisa proposto.

Para isso, a análise se baseou a partir das categorias definidas: a construção do regionalismo, personagens e o espaço, pois elas permitiram uma abordagem multifacetada, além de possibilitar diferentes perspectivas, como a realidade do sertão nordestino e as condições de vida dos seus habitantes.

5.1 Duas estéticas, um Nordeste: o regionalismo em contraste

O regionalismo é mais que uma representação geográfica de uma região, é uma forma literária de dar voz às realidades locais, revelando as individualidades culturais, sociais e econômicas de determinados espaços. Nesse sentido, para Candido (2006, p. 120), o

regionalismo “constitui uma das principais vias de autodefinição da consciência local”, ou seja, é um meio importante para que uma comunidade compreenda a si mesma.

Ao dizer isso, afirma que, ao retratar a linguagem, modos de vida e os conflitos de uma região, a literatura ajuda aquele povo a construir sua identidade, para que ganhe a possibilidade de se afirmar diante do resto do país.

Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, retrata a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos que se vê obrigada a se deslocar para regiões menos castigadas pela seca. Fabiano, o pai, caminha pela hostil caatinga com a sua mulher, Sinhá Vitória, seus dois filhos que não possuem nome e com a cachorra da família, Baleia. Nessa obra, logo no início, o autor revela a aridez que pautava a narrativa: “Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.” (Ramos, 2023, p.7). Esse trecho mostra o sofrimento vivenciado no sertão nordestino, onde, muitas vezes, o homem é reduzido à condição de um bicho, em razão da miséria, da fome e da seca que assolam a região.

Essa animalização é explicitada em outro momento da obra, no capítulo intitulado Fabiano, nome recebido pelo personagem em questão que, diante de sua incapacidade social, questiona sua própria humanidade:

— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: — Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. (Ramos, 2023, p. 16)

No fragmento, a autopercepção de Fabiano mostra uma essência moldada pela opressão social. Ser um “bicho” não é somente uma metáfora da brutalidade da vida no sertão, mas também uma estratégia de sobrevivência. O personagem não encontrando outra opção dentro dessa condição é obrigado a lutar e é nessa situação que ele encontra força para continuar vivo. Como observa Bosi (2003, p.21),

De um lado arma-se uma tática de aproximação com a mente de sertanejo, pois são os desejos de Fabiano que se projetam aqui. Mas, de outro, o modo condicional ou potencial (e não o simples futuro do presente) registra a dúvida com que a visão do narrador vai trabalhando o pensamento do vaqueiro.

Diante dessa perspectiva, vê-se que o posicionamento de Fabiano como um “bicho” é referente ao condicionamento social como também evidencia o seu aprisionamento dentro da situação na qual se encontra, tanto é que a sua única saída é resistir dentro das condições de opressão.

Ademais, essa forma de narrar, profunda e introspectiva, é destacada por Antonio Candido ao afirmar que:

Para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito de jornada, dispondo-se a uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela confissão das mais vívidas emoções pessoais. Com isto, percorre o sertão, a mata, a fazenda, a vila, a cidade, a casa, a prisão, vendo fazendeiros e vaqueiros, empregados e funcionários, políticos e vagabundos, pelos quais passa o romancista, progredindo no sentido de integrar o que observa ao seu modo peculiar de julgar e de sentir. (Candido, 2006, p. 17)

Com isso, o crítico evidencia que Graciliano escreveu para retratar a realidade rural brasileira, baseando-se no local em que ele próprio vivia. A terra representada pelo autor é árida, seca, e o homem que nela habita adquire essas mesmas características. Como se homem e terra fossem um só ser, um influenciando o outro, promovendo aprendizados, transformações e forjando, assim, um verdadeiro sobrevivente da própria existência.

A dura realidade do sertão nordestino também é retratada por Fontes Ibiapina no romance *Vida Gemida em Sambambaia*, obra que explora os desafios, os sofrimentos e as particularidades vividas pelos moradores do povoado de Sambambaia, situado nas proximidades do município de Picos, no Piauí.

A narrativa se estende do ano de 1932 a 1953, tendo início com a descrição da devastadora seca de 1932. A partir desse contexto, o narrador apresenta os personagens que compõem a trama, com destaque para Alonso, um trabalhador humilde que, mesmo em meio à miséria e à escassez de recursos, luta para manter sua família.

O cenário retratado é marcado não apenas pela ausência de chuvas, mas também pela carência de oportunidades e pelo descaso das autoridades em relação à população mais pobre.

1953 miserável! Maldita repetição de 1824! Infeliz irmão de 1845! Cópia infame de 1877! Amaldiçoado retrato de 1898! Ampliação excomungada de 1915! Amaldiçoada imitação de 1932! Seca maldita! Época de fome, tristezas, desalentos, tormentos, incertezas e de mais tudo o quanto não presta em cima da Terra. Levando tudo de eito. Não deixaria plantação, não deixaria criatório, não deixaria gente. Mas ainda havia gente que teimava em ficar. É que o homem é mesmo o animal mais teimoso dali. Ficar para semente. Ficar para votar nas eleições, como para pagar impostos, bem como para quando outra Seca viesse encontrar alguém para seu regalo. (Ibiapina, 1985, p.159).

O fragmento evidencia como a temática da seca permeia a narrativa, marcando profundamente a vida dos moradores daquela região. Apesar da esperança persistente na chegada da chuva, a realidade se mostra cada vez mais cruel: ano após ano, a seca retorna com intensidade crescente, trazendo fome, desalento e destruição. A repetição dos anos de calamidade reforça o caráter cíclico desse fenômeno, que, mesmo assim, não consegue apagar a resistência do povo, que, por teimosia ou necessidade, insiste em permanecer no sertão.

Diante do exposto, Bosi também abordou sobre a recorrência da miséria, da seca e da luta cotidiana no sertão:

Narrar a necessidade é perfazer a forma do ciclo. Entre a consciência narradora, que sustém a história, e a matéria narrável, sertaneja, opera um pensamento desencantado, que figura o cotidiano do pobre em um ritmo pendular: da chuva à seca, da folga à carência, ao bem-estar à de pressão, volta do sempre do último estado ao primeiro. (Bosi, 2022, p.20)

Essa análise de Bosi mostra que a repetição do sofrimento rege a vida do sertanejo e isso é identificado nas duas narrativas, nas quais a dor e a esperança no sertão oscilam constantemente, revelando uma realidade formada pela escassez e pela resistência silenciosa de um povo.

Nesse contexto, *Vida Gemida em Sambambaia* insere-se de forma significativa na tradição do Romance Nordestino, ao retratar com realismo a dura existência no semiárido e os sofrimentos de uma população marcada pela escassez, pela pobreza e pelo descaso do poder público.

O próprio autor, Fontes Ibiapina, reconhece essa função sociopolítica da literatura regional, compreendendo sua obra como parte de um projeto maior de denúncia e reflexão. Desse modo, sua narrativa não se limita à expressão artística individual, mas assume também o papel de registrar e preservar a memória e a identidade do povo nordestino diante das adversidades.

Logo, vê-se que Fontes Ibiapina está inserido no terceiro momento do regionalismo identificado por Candido (2000), quando a literatura passa a ter um papel de denúncia social, expondo a desigualdade e o abandono sofrido pela população sertaneja.

5.2 O sertanejo em dois retratos

A análise comparativa entre Fabiano, protagonista de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e Alonso, personagem central de *Vida Gemida em Sambambaia*, de Fontes Ibiapina,

revela dois retratos distintos do sertanejo nordestino, ambos moldados pela seca e pela opressão. Essa relação entre personagem e ambiente está em diálogo com a definição de regionalismo definida por Coutinho (1999, p. 237), para quem:

O regionalismo é um conjunto de retalhos que arma o todo nacional. É a variedade que se entremostra na unidade, na identidade de espírito, de sentimentos, de língua, de costumes, de religiões. As regiões não dão lugar a literaturas isoladas, mas contribuem com suas diferenciações para a homogeneidade da paisagem literária do país.

Sob essa ótica, constata-se que o regionalismo não é somente um retrato das comunidades, mas um elemento formador da identidade literária nacional. Ele enfatiza que é justamente nas particularidades de cada região, nas experiências, nos costumes e nas dificuldades que se desenvolve uma narrativa que contribui para a retratação da realidade brasileira. Dessa forma, a comparação entre Fabiano e Alonso nota que estão enraizados nas circunstâncias de seu meio, sendo assim reflexos das dificuldades enfrentadas pelos sertanejos.

Fabiano é apresentado como uma figura introspectiva e quase desumanizada diante da miséria e da fome. Apesar de apresentarem semelhanças entre si, os personagens possuem naturezas distintas, como se vê na descrição de Fabiano:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monosilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopeias. (Ramos, 2023, p. 18)

Por meio dessa descrição grotesca e cortante de Fabiano, há uma denúncia da degradação do homem diante da extrema pobreza. Ao retratar sua linguagem como gutural e seu corpo como deformado, Graciliano Ramos retira do personagem até mesmo os traços mais básicos de humanidade não com o intuito de desvalorizá-lo, mas de expor a violência imposta pelas condições sociais que o reduziram a esse estado.

Essa retratação crua da realidade articula-se com o pensamento de Sodré (1988), pois a literatura dá conta não apenas do que é visível, mas alcança aquilo que é sutil e velado aos olhares desatentos. Ramos adentra camadas mais profundas da existência humana, revelando que a vida do sertanejo não está apenas na superfície dos acontecimentos, mas na sua dor

silenciosa, na alienação e na secura das relações humanas conforme a descrição do próprio personagem.

Sob esse viés, Fabiano é a encarnação da alienação: um homem embrutecido pelo meio, que se comunica melhor com os animais do que com os seres de sua própria espécie. Sua existência é marcada pela limitação da linguagem, o que reforça sua condição de excluído. Sua sensibilidade está tão comprometida que, mesmo quando ferido, não demonstra dor ou porque deixou de senti-la, ou porque já se habituou a ela. Essa limitação é explicitada no seguinte trecho:

Sinha Terta é que tinha uma ponta da língua terrível. Era: falava quase tão bem como as pessoas da cidade. Se ele soubesse falar como Sinha Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se. Não sabia. Nas horas de aperto dava para gaguejar, embaraçava-se como um menino, coçava os cotovelos, aperreado. Por isso, esfolavam-no. Safados. Tomar as coisas de um infeliz que não tinha onde cair morto! (Ramos, 2023, p. 94).

Esse trecho mostra que Fabiano sabe que, devido a sua falta de conhecimento da linguagem, as pessoas lhe passam a perna facilmente e essa condição o faz ser sempre subordinado. Ele nota que se soubesse falar como Sinhá Vitória as coisas mudariam e ele não seria tão explorado. Sua linguagem, marcada por grunhidos e gestos, é reflexo de um processo de desumanização e silenciamento que o afasta ainda mais da vida em sociedade.

É justamente essa interligação entre a miséria do homem e da paisagem que define o drama de *Vidas Secas*, como analisa Antonio Candido:

O drama de *Vidas Secas* é justamente esse entrosamento da dor humana na tortura da paisagem. Fabiano ainda não atingiu o estágio de civilização em que o homem se liberta mais ou menos desses elementos. Sofre em cheio o seu peso, sacudido entre a fome e a relativa fartura; a curva da sua existência segue docilmente os caprichos hidrográficos que lhe dão vida ou morte. (Candido, 2006, p. 66)

Esse olhar reforça a ideia de que Fabiano é um ser completamente submetido às forças da natureza e à estrutura social que o empurra para a miséria contínua. Ele não reage ativamente, mas apenas sobrevive, condicionado pela escassez e pela alienação, o que o torna símbolo da passividade imposta pela opressão do sertão.

Por outro lado, ao descrever Alonso, Ibiapina constrói uma imagem de um sertanejo que, diferente de Fabiano, é profundamente enraizado na terra e na sua condição de vida. O personagem, moldado pela dureza do sertão, apresenta-se como uma figura rígida. Ibiapina o caracterizou da seguinte forma:

Alonso era mesmo um produto danado de rívido daquelas caatingas. Rívido como a própria região, como a terra. Rívido como as Secas. Nasceu, enterrou o umbigo e se criou em Sambambaia, sem que nunca dali um dia retirasse os pés para outro lugar. [...] Sua índole tinha raízes fincadas naquelas caatingas. Era ele próprio o primeiro a dizer que dali só sairia quando fechasse o paletó. Só mesmo quando fosse para a cidade dos pés juntos (Ibiapina, 1985, p.29).

Essa descrição mostra Alonso como uma figura marcada pela terra árida e pela dureza da vida do sertão nordestino. Algumas expressões da citação ressaltam que Alonso não é apenas um habitante do sertão, mas alguém que foi formado pela força e pela rigidez da região. O sertão é descrito como algo intransigente, e Alonso, com seu caráter forjado nas caatingas, também se apresenta dessa forma: duro, resistente, preso aquela terra.

Além disso, a fala de Alonso “só sairia quando fechasse o paletó” utiliza-se de uma metáfora que expressa sua forte ligação com a terra natal, indicando que apenas a morte poderia afastá-lo do sertão. Essa imagem reforça sua resignação diante da vida árida e sua firmeza em permanecer no lugar onde nasceu. Ao contrário de Fabiano, que é retratado como um ser desenraizado e em constante deslocamento, Alonso representa o sertanejo fixo, cuja identidade está profundamente entrelaçada ao espaço em que vive.

Enquanto Fabiano não conseguia sair da posição de exclusão social, o personagem criado por Ibiapina buscava maneiras de contornar a miséria que assolava todo o povoado e especialmente sua família. Desse modo, o personagem criado por Ibiapina está intrinsecamente ligado ao seu estilo, como aponta Moura:

Pertence à geração Meridiano, pelo seu trabalho com a palavra, pela invenção e pelo tempo em que começou a produzir. No conto, trabalha com o diálogo vivo, num tom estético, na fabulação mais fabulosa, consciente do seu trabalho. Recupera o falar do nosso caboclo e, transgredindo-o, numa linguagem consumível pelas populações da roça e da cidade, assim, conquista admirável estilo pessoal e telúrico. Prova de sua originalidade muito forte é que deixou seguidores. (MOURA, 2013, p. 171).

Nesse excerto, Moura reforça a forte contribuição de Ibiapina para a literatura piauiense, pois buscou retratar o sertanejo e seus traços com uma linguagem simples, próxima do povo, marcada por um estilo humorístico e estilístico inconfundível.

Contudo, apesar da força e originalidade de Ibiapina, a crítica ainda não lhe deu o devido reconhecimento, como aponta Candeira (2017), pois, por não estar nas grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo onde há maior concentração do mercado editorial sua obra ainda é pouco valorizada.

Ainda que suas atitudes não fossem moralmente corretas, Alonso recorre ao roubo e à matança de cabeças de gado de fazendas alheias para garantir o sustento da esposa e dos

filhos. Diante da negligência dos que tinham abundância e não se importavam com os que nada possuíam, Alonso encontra nessa prática uma forma de sobrevivência. Como descreve o narrador:

Alonso, porém, era por demais releiro. Macaco velho. Passou o quanto antes, a praticar suas proezas à noite. Estava salvo a qualquer custo. Os segredos da noite são sem limites maiores que os segredos do dia. Ainda mais por segurança, todas as vezes que enterrava as pernas, a cabeça, os fatos de um folejo, cobria a sepultura com folhas. Sem deixar vestígios daquele jeito, jamais seria descoberto. Assim, levava a vida para a Seca não o levar com mulher, filhos e tudo. (Ibiapina, 1985, p. 35-36)

Esse trecho revela um personagem astuto e pragmático, disposto a transgredir a lei e a moral tradicional como estratégia de resistência à morte e à fome. Alonso age com inteligência prática e consciência da urgência da sua condição diferente de Fabiano, que permanece preso à estrutura que o oprime, sem capacidade de ação articulada. Enquanto Fabiano se resigna, Alonso atua com esperteza, mesmo dentro da marginalidade, o que o caracteriza como uma figura de resistência silenciosa frente à omissão governamental e à desigualdade social.

Conforme apresentado as características e descrições dos personagens cabe postular que consoante ao abordado no referencial teórico a citação de Candido (2006), se concretiza aqui pois ele fala sobre a grandeza da literatura consistir em sua capacidade de ir além do tempo e do espaço na qual foi produzida, ou seja, atinge uma dimensão universal. Essa universalidade se manifesta principalmente em *Vidas Secas* e em *Vida Gemida em Sambambaia*, ao construírem personagens enraizados com o sertão nordestino, mas que representam experiências humanas atemporais que acontecem hoje e as que ainda estão por vir.

5.2.1 As mulheres por trás dos sertanejos

As personagens femininas também desempenham uma função no sertão nordestino, elas representam a força materna, resistência aos desencontros impostos pelo ambiente no qual estão inseridas, cuidado com os seus e, mesmo que em silêncio, sonham com melhorias.

Nesse contexto, pode-se considerar que, embora sejam criações da ficção, essas personagens transmitem verdades profundas sobre a condição humana. Como postula Candido:

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão a mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (Candido, 2007, p. 52).

Com base nessa perspectiva, compreende-se que as personagens Sinhá Vitória e Maria do Céu, embora não reais, representam as mulheres sertanejas cuja força, resiliência e esperança permeiam a ficção e tocam a realidade.

Ao descrever a personagem Sinhá Vitória, Graciliano destaca, que:

Acocorada junto às pedras que serviam de trempe, a saia de ramagens entalada entre as coxas, Sinhá Vitória soprava o fogo. Uma nuvem de cinza voou dos tições e cobriu-lhe a cara, a fumaça inundou-lhe os olhos, o rosário de contas brancas e azuis desprendeceu-se do cabeção e bateu na panela. Sinhá Vitória limpou as lágrimas com as costas das mãos, encarquilhou as pálpebras, meteu o rosário no seio e continuou a soprar com vontade, enchendo muito as bochechas. (Ramos, 2023, p.37)

Nessa cena de descrição do cotidiano, é perceptível a ausência de regalias e confortos básicos. Esse momento no qual Sinhá Vitória precisa “assoprar o fogo” evidencia o esforço e o desgaste físico necessário para cumprir com aquela atividade corriqueira. Além disso, a personagem, mesmo perante uma situação de desconforto, não se rende nem reclama, mas faz o que precisa ser feito e encontra forças na religiosidade, que pode ser identificada através do rosário que está usando.

Diante desse paralelo, nota-se que Fabiano é o homem da casa, mesmo diante desse cenário de seca e miséria é ele quem sai em busca de prover a sua família e sua esposa é a mulher do lar que cuida e educa os filhos.

Além disso, Sinhá Vitória carrega traços regionais da mulher sertaneja através do seu jeito bruto, rígido e sagaz que mesmo sem muito estudo tem conhecimento das noções básicas e não se deixa enganar pela esperteza dos grandes, é válido postular também que mesmo perante a situação de seca Sinhá tem o sonho de possuir uma cama de couro igual à do seu Tomás da bolandeira e não fala muito sobre, pois sabe que diante das condições isso deixaria seu marido aperreado e chateado, seria um gasto que eles poderiam evitar. Isso abre margem para mostrar que a esperança é alimentada, pois ela sonha com algo básico como o conforto de uma cama para descansarem.

Em *Vida Gemida em Sambambaia*, o retrato traçado pelo autor não é tão diferente, pois a personagem Maria do Céu, esposa de Alonso, também é descrita como uma figura materna e do lar:

À noite, atava os fiangos de sua tipóia à latada na frente da choupana. Esparramava-se bem refestelado da vida. Já sabia: não tardava Maria do Céu chegar com um alguidar de pirão escaldado num cozidão de bode que era uma beleza. Parecia mesmo que era do Céu que Maria do Céu vinha. Uma Santa que do Céu descia, em plena Seca de lascar o cano das tripas, com uma ceia de carne nas mãos. Alonso achava aquela sua vidoca para lá de boa, apesar de tudo. Só podia ser a melhor vida que Deus podia oferecer a um pobre pai de família num trinta e Dois amaldiçoado daqueles. Também Maria do Céu tinha a mesma impressão. (Ibiapina, 1985, p. 31)

Maria do Céu é retratada como servidora que alimenta e cuida da sua família. Ela representa a força da mulher sertaneja que, mesmo imersa nas adversidades, protege e resguarda a dignidade de sua família. Além disso, há uma metáfora com o nome dela e sua ação, quando ele diz que ela é como uma “santa”, ou seja, é alguém disposta e atenciosa para com os seus, o espelho do sagrado encarnado no sertão. Verifica-se também que ela é um suporte para o esposo, visto que, mesmo em meio a um cenário de dor e extrema seca, ambos conseguem ficar bem com o pouco que possuem.

5.3 O sertão como força narrativa

O espaço nas obras *Vidas Secas* e *Vida Gemida em Sambambaia*, não se resume a ser apenas o ambiente onde se desenvolvem os acontecimentos, mas torna-se um elemento estruturante da narrativa.

O sertão nordestino, nessas obras, impõe-se como força opressora determinante da experiência das personagens. Sendo assim, a aridez e suas vastas paisagens atuam sobre eles, moldando seus comportamentos, suas emoções e, quase sempre, seu destino. A respeito dessa configuração espacial, Monteiro (2002, p. 71) destaca que:

O espaço romanesco em *Vidas Secas* pode ser configurado em três níveis. Há um espaço imediato ou ‘de vivência’ entre as personagens, a família de cinco viventes, e uma dada posição de caatinga, representado por uma (qualquer) dentre as muitas fazendas de criação do universo sertanejo nordestino. O espaço imediato da estória é, naquele momento, um elo de uma longa cadeia de outros lugares (fazendas) por onde se tem deslocado a família retirante, segundo o fluxo desfavorável das injunções naturais (seca) e sociais (agregação à terra alheia).

Diante disso, vê-se uma noção do espaço como rede de relações instáveis e transitórias. A família de Fabiano não tem um lugar fixo, precisa se deslocar constantemente, a ausência de pertencimento e o enfrentamento direto com a seca e a miséria contribuem para a apatia, a alienação e a resignação presentes nessa família. Sendo assim, o espaço físico torna-se um espelho do sofrimento emocional e da impotência diante das forças sociais e naturais que os controlam.

Além do mais, os três elementos citados anteriormente são visualizados em *Vidas Secas*, no capítulo “Cadeia”, no qual Fabiano é preso injustamente, conforme explicitado na cena: “Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. [...] Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados.” Por conseguinte, infere-se que Fabiano foi vítima de uma autoridade prepotente representada pela figura do Soldado Amarelo. Sua prisão ilustra a opressão que ocorre muitas vezes contra os mais frágeis da sociedade. Sua indignação e o esforço para entender o que lhe aconteceu mostram uma luta silenciosa contra a opressão.

No que diz respeito à resistência, ela não se limita à ausência de reação física, mas revela principalmente uma força interior, marcada pela tentativa de manter a dignidade mesmo diante da injustiça. Conforme descrito nesse trecho da obra:

O soldado, magrinho, enfezadinho, tremia. E Fabiano tinha vontade de levantar o facão de novo. Tinha vontade, mas os músculos afrouxavam. Realmente não quisera matar um cristão: procedera como quando, a montar brabo, evitava galhos e espinhos. Ignorava os movimentos que fazia na sela. Alguma coisa o empurrava para a direita ou para a esquerda. Era essa coisa que ia partindo a cabeça do amarelo. Se ela tivesse demorado um minuto, Fabiano seria um cabra valente. Não demorara. (Ramos, 2023, p. 98)

Nesse episódio, é perceptível a luta interna de Fabiano entre o desejo pela violência e pelo seu equilíbrio interior. Apesar de ter a oportunidade de acertar as contas devido à sua prisão injusta por parte do “soldado amarelo”, ele escolheu não fazer o mesmo, pois tem consciência de que não resolveria nada. Além disso, nota-se que, mesmo com seu jeito bruto, Fabiano tem consciência de que, ao ceder ao seu instinto, se tornaria igual aos que oprimem, ou seja, ele opta por preservar a sua humanidade e, ao final da cena, ensina ao soldado, com seu gesto, uma lição de dignidade.

A resignificação se revela em diversos momentos da narrativa, como quando Fabiano sonha com um futuro melhor para os filhos, no qual eles possam estudar e no trecho citado, também se nota esse processo, pois ele reflete sobre sua própria condição.

A descrição do espaço, no início da obra *Vidas Secas*, dá uma noção clara da força opressora do sertão sobre seus habitantes. Em um trecho, Graciliano Ramos escreve:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. (Ramos, 2023, p.7)

Essa citação relata o cenário árido do sertão, onde a seca e a escassez de recursos tornam cada movimento uma luta pela sobrevivência. Além disso, a palavra "infelizes" é uma referência ao sofrimento das personagens que, apesar de sua resistência e esforço, estão fisicamente desgastadas e à mercê de um ambiente hostil.

Ademais, o contraste entre o chão "avermelhado" e as "manchas verdes" dos juazeiros enfatiza a ideia de escassez e, ao mesmo tempo, a busca persistente por algum alívio, simbolizado pela sombra dos juazeiros. Desse modo, esse cenário, em que a natureza se apresenta como uma força que limita a liberdade de movimento e provoca sofrimento, reflete a opressão do sertão, a qual influencia diretamente as atitudes e decisões dos personagens, forçando-os a se adaptar às suas condições extremas.

Sob essa análise, nota-se que a dureza do sertão não se expressa apenas pela escassez física, mas também pela degradação dos vínculos afetivos e simbólicos, como se observa em outro trecho da obra, no qual até a memória e a ternura são corroídas pela necessidade da sobrevivência:

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. Agora, enquanto parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver sobre o baú de folha a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal. Fabiano também às vezes sentia falta dela, mas logo a recordação chegava. Tinha nadado procurando raízes à toa: o resto de farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdida na caatinga. Sinhá Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, com os pés apalhetados, numa atitude ridícula. Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. (Ramos, 2023, p.10)

Percebe-se que, essa passagem do texto traduz como o sertão, mais do que pano de fundo, é uma presença que condiciona a existência. A seca e a miséria não apenas impõem o abandono de bens e terras, mas também corroem os afetos e as lembranças, reduzindo tudo à luta pela sobrevivência. A decisão de comer o papagaio, é justificada pelo argumento da sua inutilidade, pois não falava

Do mesmo modo, em *Vida Gemida em Sambambaia*, o sertão descrito por Ibiapina também não é somente um cenário geográfico, mas sim um espaço seco e rígido, que se impõe sobre as personagens, como uma força que dita a dinâmica da vida social, espiritual e natural da comunidade sertaneja. Conforme descrito pelo autor em um trecho da obra:

A matutada sambambaiense amanheceu de crista caída. A experiência das pedrinhas de sal que lhes trouxera recado fúnebre. Santa Luzia descendo do Céu com um recado triste. E santa luzia jamais mentiu para aquela gente. Em qualquer, casa, pelas várzeas, pelos recantos de morros, onde quer que se encontrasse um cristão, a conversa era uma só. Aquela conversa tão repetida, tão amassada pela língua de todos. A conversa que não ia chover. Aconteceu que as pedras de sal postas ao sereno durante a noite amanheceram secas que nem língua de papagaio. Muitos já sabiam, porque as chuvas-dos-cajus não vieram. E, quando as chuvas-dos-cajus não assinam o ponto, pode-se tirar o cabelo da venta- não vai haver inverno. Coisa tão certa como dois mais dois são quatro e menos quatro zero. (Ibiapina, 1985, p.13)

Com isso, o trecho acima mostra que a seca não é apenas um fenômeno climático, mas dominante que perpassa todo o ciclo da narrativa e determina a vida dos habitantes daquele povoado. A ausência da chuva os afeta de muitas formas e isso gera desânimo e tristeza. A esperança é acesa através da fé, pelas profecias e previsões que agitam o dia a dia daquela comunidade.

Além disso, é possível identificar, nesse momento, a presença de três elementos fundamentais: a dinâmica social, a espiritual e a relação com os sinais da natureza. Sobre a dimensão social, Carlos Reis (2013) explica que a literatura pode ser entendida como uma prática social é um instrumento de intervenção social, desde Platão, que via a arte poética como serviço à comunidade, até o Realismo e o Naturalismo, que fizeram da literatura uma crítica social e um meio para a reforma através da arte.

A dinâmica social se revela quando a comunidade compartilha da mesma reação diante do fenômeno da seca; todos comentam, sentem e vivem a mesma preocupação, o que demonstra laços fortes de pertencimento àquela tradição. A notícia se espalha e, com ela, espalha-se também um sentimento coletivo de abatimento, uma angústia social provocada pela falta de chuvas.

Por fim, no que diz respeito à dinâmica espiritual, é notório que a vida do sertanejo é centrada na religiosidade e no sagrado, os quais estão inseridos nas pequenas coisas do cotidiano. O social, o espiritual e o natural são inseparáveis da vida do sertanejo, e é por meio deles que encontra força e resistência diante das adversidades do sertão.

Assim como em *Vidas Secas*, o sertão aqui atua como coautor da narrativa, direcionando as ações e afetos dos sujeitos que nele habitam. O espaço como símbolo também se manifesta na seguinte passagem:

O Sol velho de guerra queimando tudo- a terra, a mata, a esperança dos lavradores. Em pleno fevereiro, e a caatinga completamente nua. Mas sem mesmo um pingô de vergonha na cara. Ao meio-dia, o sol tinindo dum ponto, chega a atmosfera batia queixos às vistas da gente, se tremendo de tão quente. (Ibiapina, 1985, p.15)

Nessa descrição, o sertão é personificado e ganha dimensões quase míticas, agindo como uma entidade implacável, que impõe sua lógica à vida humana. A forma como o sol é descrito evidencia que o espaço age como símbolo da provação e da desesperança, ao mesmo tempo em que reforça a resiliência da gente sertaneja.

Diante da análise realizada, conclui-se que ao verificar a construção do regionalismo, as personagens e a função do espaço narrativo e sua influência em *Vidas Secas* e *Vida gemida em Sambambaia*, é possível afirmar que ambas as obras, ainda que com estilos diferentes, compartilham a proposta de proporcionar mais visibilidade ao sertão nordestino, não apenas como um lugar de carência, mas como uma região cheia de significados, cultura e gente o que reforça a noção defendida por Bachelard (1989) de que o espaço guarda, em si, camadas simbólicas de identidade, resistência e memória.

Portanto, é evidente que a literatura regionalista cumpre sua função de denúncia e revelação da resistência, da memória e da identidade de um povo que, mesmo perante a aridez, insiste em lutar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso desta pesquisa, a partir da análise comparativa da construção do regionalismo nas obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Vida Gemida em Sambambaia*, de Fontes Ibiapina, foi possível identificar as similaridades da região nordestina mesmo em localidades diferentes, a figura do sertanejo que ama e luta pela sua terra seca, que não quer largar as suas raízes mesmo em épocas de miséria e seca. Sob essa proposta, visou-se

compreender como os elementos regionais são utilizados não somente como plano de fundo, porém como meio de evidenciar a crítica social dentro das obras.

Os objetivos foram atendidos, visto que a análise permitiu verificar como cada autor, à sua forma, utilizou o espaço, a linguagem e os personagens, construindo uma visão própria do regionalismo, trazendo à tona diferentes perspectivas da vida no sertão nordestino.

No que diz respeito ao procedimento metodológico, este foi de caráter qualitativo e bibliográfico, o que possibilitou uma análise mais completa da construção do regionalismo nessas obras. A escolha por essa abordagem favoreceu o cumprimento dos objetivos propostos, dado que permitiu a articulação entre as teorias que fundamentam o regionalismo e as narrativas dos autores. Assim, o percurso metodológico foi eficaz para sustentar as reflexões propostas ao longo do estudo.

Ademais, os resultados destacam que *Vidas Secas* apresenta um regionalismo de caráter crítico e desumanizado, com personagens marcados pela miséria e pela opressão social; isso é expresso por uma linguagem seca e objetiva. Por outro lado, *Vida Gemida em Sambambaia* possui uma visão mais simbólica do sertão e, mesmo denunciando os problemas causados pela seca cruel, abrange também temas como a religiosidade popular e a cultura local, mesmo perante tanto sofrimento.

Vale ressaltar que foi possível verificar, ao longo da análise, que mesmo diante de uma situação de miséria extrema, seca, labuta e das dificuldades enfrentadas pelos personagens, ainda persiste a esperança: a esperança da chuva que virá, a confiança no desconhecido e a resistência marcada pela bravura do homem nordestino.

Diante disso, é possível afirmar que o problema de pesquisa foi respondido, pois ambas as narrativas constroem um regionalismo a partir de escolhas estéticas distintas, mas igualmente comprometidas com a representação da realidade nordestina.

Em relação às sugestões para pesquisas futuras, propõe-se a ampliação do corpus comparativo com outras obras regionalistas, bem como a inserção de outras áreas que se articulem com a literatura, a fim de que outras faces do Nordeste literário sejam conhecidas e aprofundadas.

Por fim, quanto às limitações da pesquisa, pode-se dizer que o mais difícil foi ter acesso a materiais de críticos sobre *Vida Gemida em Sambambaia*, o que restringiu, em certa medida, o aprofundamento da análise.

REFERÊNCIAS

- ALERP. **Raimunda Fontes de Moura**. Disponível em: <https://alerp.com.br/academico/patrono/raimunda-fontes-de-moura>. Acesso em: 27/04/2025;
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução: Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Tópicos, 1989;
- BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**. 34 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2003;
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2022;
- CANDEIRA FILHO, Alcenor. **Depoimento sobre Fontes Ibiapina**. Portal Costa Norte, 2017. Disponível em: <https://portalcostanorte.com/depoimento-sobre-fontes-ibiapina/>. Acesso em: 04/05/2025.
- CANDIDO, Antonio et alli. **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007;
- CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006;
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte, MG: Editora Itatiaia, 2000. Vol. I;
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. revisada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006;
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006;
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 1999;
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008;
- GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br/noticias/univasf-publica-livro-digital-sobre-metodologia-cientifica-voltada-para-educacao-a-distancia/livro-de-metodologia-cientifica.pdf>. Acesso em: 04/05/2025;
- IBIAPINA, Fontes. **Vida gemida em Sambambaia**. Prefácio de Caio Porfírio Carneiro. São Paulo: Clube do Livro, 1985;
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Revista do Departamento de Geografia, v. 25, p. 201–206, 2013. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/monteiro-carlos-augusto-de-figueiredo-o-mapa-e-a-trama-ensaios-sobre-o-conteudo-geografico-em-criacoes-romanescasflorianopolis-ed-da-ufsc-2002-pdf-free.html>. Acesso em: 04/05/2025;
- MOREIRA, M. A. **Pesquisa em Educação em Ciências: métodos qualitativos**. Espanha: Actas del PIDEDEC, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf. Acesso em: 05/05/2025;

MOURA, Francisco Miguel de. **Literatura do Piauí**. Teresina: EDUFPI, 2013;

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 120. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023;

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**: introdução aos estudos literários. 2. ed., reimpr. Coimbra: Livraria Almedina, 2013;

SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. **A representação da seca na narrativa piauiense: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Caetés, 2005. Disponível em: <https://sistemas2.uespi.br/handle/tede/449>. Acesso em: 04/05/2025;

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., 1988.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO ELETRONICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA BASE DE DADOS DA BIBLIOTECA

1. Identificação do material bibliográfico:

Monografia TCC Artigo

Outro: _____

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: Licenciatura em Letras-Português

Centro: Campus Senador Helvídio Nunes

Autor(a): Glória Maria da Luz Costa

E-mail (opcional): gloriamarialuzz.costa@gmail.com

Orientador (a): Profa. Dr Cristiane Feitosa Pinheiro

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Membro da banca: Prof.^a Dr.^a Cristiane Feitosa Pinheiro (Orientadora – Presidente)

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Membro da banca: Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Membro da banca: Prof.^a. Esp. Roseângela Ferreira Belo

Instituição: Colégio Santa Rita

Titulação obtida: Licenciatura em Letras-Português

Data da defesa: 26/06/2025

Título do trabalho: ENTRE A MISÉRIA E A ESPERANÇA: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA DO REGIONALISMO NORDESTINO NAS OBRAS VIDAS SECAS
E VIDA GEMIDA EM SAMBAMBAIA.

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: [x]

Parcial: []. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: _____

.....

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Considerando a portaria nº 360, de 18 de maio de 2022 que dispõe em seu Art. 1º sobre a conversão do acervo acadêmico das instituições de educação superior - IES, pertencentes ao sistema federal de ensino, para o meio digital, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, na base dados da biblioteca, no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Picos-Piauí

Data: 11/07/2025

Assinatura do(a) autor(a):

Gloria Maria da Luz Costa